

JOSÉ CARLOS ALVIM

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRODUÇÃO DE
TEXTOS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO TATUAPÉ
2010**

JOSÉ CARLOS ALVIM

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRODUÇÃO DE
TEXTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua portuguesa, interpretação e compreensão de textos.
Orientadora: Profa. Ms. Suely Aparecida Zeoula de Miranda

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO TATUAPÉ
2010**

Dedico

à minha família, especialmente aos filhos, ainda menores, pela paciência e compreensão por minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela luz divina que me concedeu nesta caminhada.

Aos colegas com os quais tive trocas de experiências acadêmicas e afetivas no decorrer dos estudos.

Aos familiares e amigos que me incentivaram a enfrentar esta jornada.

Aos professores tutores, pela dedicação e disponibilidade nos momentos de orientação e esclarecimentos de dúvidas.

O tempo para ler é sempre um tempo roubado.(). Roubado a quê?
Digamos, à obrigação de viver (..). O tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver (..). A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser. A questão não é de saber se tenho tempo para ler ou não (..), mas se me ofereço ou não à felicidade de ser leitor.(Daniel Pennac 1993)

RESUMO

A escrita e a leitura são complementares e estão fortemente relacionadas. O trabalho com produção de texto deve prever um conjunto de atividades e estratégias que contribua para formar escritores competentes, capazes de produzir os mais variados tipos de textos. O leitor aprende a escrever lendo e escrevendo diariamente. A produção de textos se realiza através da modalidade oral e escrita, e nas diversas variedades linguísticas onde o emissor articula seu ponto de vista sobre o mundo. Um texto define-se de duas formas, sendo a primeira pela organização e estruturação que faz dele todo sentido, e por fim, como objeto da comunicação que se estabelece entre destinador e destinatário. O objetivo deste estudo é compreender a leitura como procedimento privilegiado para conhecer, informar, divertir, posicionar, emocionar e escrever melhor os mais variados tipos de textos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONCEPÇÃO DA LEITURA	10
1.2 O Ato de Escrever	13
1.3 A Relação do Adulto com a Leitura	14
2. A CONSTRUÇÃO DO TEXTO	16
2.1 Interação: Texto e Leitor	21
2.2 Resgatando o prazer de ler	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
BIBLIOGRAFIAS	27

INTRODUÇÃO

Segundo Trevisan (2002, p.20), o ser humano é necessariamente um ser que quer se comunicar. Ao contrário dos animais, ele tem um mundo psíquico, não é só instintivo; tem experiências de memória, de sentimentos, de imaginação, que exigem uma forma especial de comunicação. Além disso, a sociedade atual tem cada vez mais, exigido do ser humano maior capacidade de comunicação (falar, escrever e interpretar) para sua participação efetiva na sociedade. A falta de conscientização do hábito da leitura faz com que, cada vez mais, pessoas tenham sérios problemas na organização do pensamento e na escrita.

A diversidade de leitura é um importante instrumento para a aquisição de conhecimento, desenvolvimento de criatividade e linguagem, ampliação de vocabulário e compreensão. É consenso que o indivíduo que cultiva o hábito regular da leitura possui melhor nível cultural e maior facilidade para a expressão oral e escrita, dominando um vocabulário diversificado. O leitor contumaz consegue gerir mais facilmente suas atividades cotidianas, como se manter bem informado e atualizar-se profissionalmente. Este hábito deve ser estimulado desde cedo, tanto pela escola quanto pela família.

Pode-se ressaltar também que toda leitura deve ser feita de forma crítica. Ao leitor e cidadão crítico compete não apenas compreender, mas refletir e idealizar uma realidade diferente, no sentido de transformá-la. Pois um leitor consciente não procura em um texto apenas a sua decodificação, procura também, através da leitura crítica, construir seu próprio texto. Hoje, a leitura está presente na maior parte das atividades cotidianas, desta forma o interesse pelo assunto se torna relevante.

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a importância da

Leitura na produção de textos, bem como, auxiliar na formação de leitores autônomos e escritores críticos.

O estudo será apresentado sob forma monográfica fundamentada numa pesquisa essencialmente bibliográfica e baseada teoricamente na visão de especialistas.

O trabalho será estruturado da seguinte forma: Introdução: demonstra uma visão geral do trabalho, sua importância e objetivos; 1: Concepção da leitura; O Ato de escrever; A relação do Adulto com a leitura 2; A construção do Texto; Interação do Texto e Leitor; Resgatando o Prazer de Ler; considerações finais e as referências bibliográficas.

1. CONCEPÇÃO DA LEITURA

Muitos adultos se relacionam pouco com a leitura, pois estão sempre procurando justificativas para não ler, acusam a falta de tempo, entre outras, mas sabe-se que mesmo tendo tempo, não se ocupam com ela.

Segundo Maciel em seu artigo, hoje em dia, a grande problemática desta situação, é que a maioria dos jovens finaliza o Ensino Médio sem saber ler. Este ler, aqui intencionado, não se limita à junção das letras para formar palavras e frases, permanecendo no nível superficial da leitura. Porém, esse ler refere-se, no seu sentido mais amplo, o ler nas entrelinhas, ou seja, o aluno ao finalizar o Ensino médio, deveria ser capaz de ler reflexiva e criticamente, percebendo o que realmente o autor de tal discurso quis dizer. *www.unasp-ec.edu.br*.

Existem vários conceitos sobre leitura. A leitura como um ato mecânico de decodificação, que é a mais presente na concepção social ao longo dos tempos, e que se encontra registrada em dicionários. Porém, estudiosos do assunto apresentam outros conceitos, dos quais acreditam serem os mais viáveis para apreensão de conhecimentos dentro de sala de aula. *www.unasp-ec.edu.br*.

Para Lajolo (apud Geraldi 1983,p.59) Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação (...) entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Já para Brito (2003, p.26) a leitura enquanto uma atividade que envolve elaborações semânticas, pragmáticas, lógicas e culturais, entre outras depende de uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos, ou ainda que “o ato de ler não pode ser considerado um processo de decodificação (...) visto que o foco do

leitor é construir uma interpretação significativa do texto” .

Já GERALDI (1999, p.96) “compreende a leitura como interlocução entre sujeitos e, como tal; espaço de construção e circulação de sentidos”

Marilena CHAUI (apud GERALDI,1983) traz uma relação entre o narrado e o leitor; expondo que: “o diálogo do aprendiz de natação é com a água (...) na leitura, o diálogo do aluno é com o texto.

GERALDI (1999, p 92).apresenta algumas posturas ante o texto, como: “(a) a leitura-busca de informações, (b) a leitura-estudo do texto, (c) a leitura do texto-pretexto, d) a leitura-fruição do texto” *afirmando que* “diante de qualquer texto, qualquer uma destas relações de interlocução com o texto/autor é possível”.

E ainda no texto “A prática de leitura” adaptado dos PCNs (1997 vol.2,p.23) *entende-se que* “ para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os leitores já fazem deles e participar dos atos de leitura de fato”.

A leitura pode ser cunho interpretativo em que o leitor é o centro, o qual tem livre arbítrio para compreensão do texto, mas pode correr o risco de não entender que o texto está aberto a várias interpretações, até mesmo aquelas que fogem ao seu verdadeiro sentido. O que segundo PEREIRA (2003,p.53) é a leitura monólogo, pois “o texto não fala ao leitor (...) o texto é compreendido como um objeto aberto, com possibilidade de tipo de leitura e resultante da interação com o leitor. Enfatiza-se a polissemia e, portanto, a multiplicidade de sentidos de um texto”.

No entanto, a leitura significativa e construtiva é aquela em que o leitor interage com o texto do autor, procura construir um significado com uma postura dialógica, conforme seu interesse e objetivo. Nesse tipo de leitura, o leitor usa do seu conhecimento contextual, conhecimento pessoal de mundo e do tema abordado e, habilidade linguística, cria hipóteses e tenta confirmá-las, utilizando estratégias de leitura conforme sua necessidade. O leitor que sabe, busca no texto; é capaz de auto-avaliar sua compreensão ou de descobrir problemas que não o leva a atingir seu objetivo. Para se tornar um “bom leitor” é preciso exercício, prática, reflexão e uso adequado dos processos de leitura. Entende-se que não é fácil ser um leitor

crítico, devido a diversos fatores, entre outros, como: bibliotecas desestruturadas, despreparo de muitos profissionais da educação, a falta do hábito da leitura por parte da sociedade em geral, a falta de conhecimento sobre o verdadeiro sentido da leitura e a falta do gosto pela leitura.

Entretanto, é possível desenvolver a capacidade e o gosto pela leitura. Para tanto ela deve ser apresentada como algo interessante e desafiador; textos que chamem a atenção e instiguem a sua curiosidade, pode ser um bom começo.

Alguns autores apresentam várias situações que podem facilitar a prática da leitura, como: Brito: (2001, p. 12) o estudo e a reflexão de um texto supõem o uso de recursos essenciais para compreender mais profundamente um texto, em primeiro lugar sublinhar recurso usado para destacar ideias principais do texto; em seguida temos como recurso os comentários de margem, em que se pode fazer relação com experiências vividas, como também relacionar com outros textos, logo após apresenta o recurso esquema usado para facilitar a sintetização do texto, posteriormente está o roteiro de leitura que serve para orientar o leitor na exploração do texto, segue-se então o recurso *paráfrase* que consiste em uma explicação detalhada do texto, apresenta também o resumo ou síntese que está na recriação sintética do texto com ideias mais relevantes e, por último vem o recurso de *comparação de textos* que é a intertextualidade onde permite observar em que se assemelham e se diferem.

1.2 O Ato de Escrever

Segundo Alvarenga em sua tese (2009), contextualiza que: escrever foi para todos nós, durante a infância, e é para muitos, infelizmente, pela vida afora, outro mistério a ser solucionado. Era realmente fascinante testemunhar um adulto preencher tão rapidamente uma folha de cheque ou escrever despretenciosamente qualquer texto. A dúvida que angustiava a muitos era: “Será que dia serei capaz de escrever?”, já que a língua parecia um código composto por tão diversificado alfabeto e dotada de considerável complexidade. Na verdade, aprender o código foi a tarefa mais simples do processo, pois, em seguida descobrimos que escrever é muito mais do que reproduzir combinações corretas de letras do alfabeto da língua portuguesa.

Segundo o autor, escrever é um exercício claramente ligado à leitura. A leitura é um dos fortes fatores que oferecem condições para uma boa desenvoltura nas produções textuais de qualquer natureza. É através dela que enriquecemos nosso vocabulário, que temos a oportunidade de observar diferentes maneiras de escrever bons textos de forma a nos fazer entender, e interessar nossos leitores. Assim como leitura, o ato de escrever oferece muitos benefícios e aprendizados. É através da escrita que colocamos em prática todo o vocabulário internalizado através das leituras e das experiências de vida. No momento adequado à produção é que são testadas as aplicações das palavras previamente conhecidas nos contextos necessários.

Não só o vocabulário, mas outros conhecimentos são colocados em prática nesse processo. É nesse momento em que são exercitados o poder de articulação e encadeamento de ideias, onde nos revelamos e ganhamos a possibilidade de influenciar outras pessoas que não estão próximas. O indivíduo que não possui o hábito da escrita apresenta maior dificuldade ao tentar expressar suas convicções e pontos de vista, pois é, através dela, que exercitamos a forma mais clara e organizada de expressar nossos pontos de vista, seguidos de argumentos, etc (ALVARENGA 2009, p. 36).

1.3 A Relação do Adulto com a Leitura

Quando o adulto se empenha em fazer da criança um grande leitor, precisa ter consciência de sua própria relação com o livro e com a importância do hábito de ler.

Cunha (1998, p.48), faz uma demonstração de algumas situações que vivemos com frequência:

- É extremamente comum o adulto argumentar que lê pouco por falta de tempo, ou que só lê aquilo que tem ligação direta com sua profissão;
- É constante a afirmação feita pelo adulto de que o cansaço impede qualquer leitura, ao fim de um dia de trabalho;
- Frequentemente o adulto confessa que não tem sua própria biblioteca e que raramente vai a uma delas, ou livrarias;
- O adulto impõe à criança determinada leitura, na suposição de que por conta própria, ela não chegará ao livro;
- É cada vez mais frequente a utilização de jogos e outras atividades para fazer o aluno se interessar pela leitura de determinada obra literária;
- É por demais conhecida a reação dos adultos ao preço do livro em relação ao preço de um brinquedo ou produto supérfluo, isso revela o desprestígio do livro em relação a outros bens de consumo.

Todos estes comportamentos nos comprovam que muitos dos adultos não têm consciência da importância que os livros cumprem em nossa vida. Se reclama de falta de tempo e de cansaço pra justificar a pouca leitura, é porque para ele a leitura não é prazerosa e não a tem como lazer.

Cada vez mais tomamos consciência de que a criança no princípio da vida vê o livro como um brinquedo interessante como os outros, e que se encanta ao tentar desvendar os mistérios existentes dentro dele, sendo algo encantador que envolve palavras e letras; mas, a atitude imposta pelo adulto às vezes quebra este encanto e vai minando a ligação da criança e o livro. Isto acontece porque a ideia do

adulto é de que a leitura vai fazer bem à criança ou ao jovem e lhes obriga a ler como impõe a colher de remédio, a injeção, a escova de dente, etc. Assim a criança se sente coagida, tendo de ler o que não lhe interessa, submetendo-se a avaliação, e sendo punida se não cumprir as regras definidas.

Parece-nos mais modesto dizer que, nós adultos, nos relacionamos mal com os livros, principalmente de literatura e que estamos explorando mal quando o levamos à criança ou ao jovem (CUNHA 1998, p. 37).

2. A CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Quando nos comunicamos linguisticamente não o fazemos com frases sucessivas, mas com textos, isto é, proferimos uma sequência organizada de frases relacionadas num todo, ou seja, texto é uma unidade de sentido no universo da comunicação humana, tudo o que falamos ou escrevemos precisa ter sentido; em uma situação de interação quando falamos ou escrevemos, sempre estabelecemos contato com outra pessoa, inclusive com nós mesmos.

A palavra texto provém do latim *textum*, que significa tecido, entrelaçamento. (...) O texto resulta de um trabalho de tecer, de entrelaçar várias partes menores a fim de se obter um todo inter-relacionado. Daí poder falar em textura ou tessitura de um texto: é a rede de relações que garantem sua coesão, sua unidade (INFANTE, 1991, p.4).

De acordo com (Koch, 2001, p.25) conforme a perspectiva teórica que se adote, o mesmo objeto, pode ser concebido de maneiras diferentes. O conceito de “texto” não foge à regra, ou seja, varia conforme o autor e/ou orientação teórica adotada.

Desde as origens da Linguística de Texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas. Em um primeiro momento, foi concebido como: unidade linguística; sucessão ou combinação de frases; cadeia de pronominalizações ininterruptas; complexo de proposições semânticas.

Já no interior de orientações de natureza pragmática, o texto passou a ser encarado pelas pista acionais, como uma sequência de atos de fala; pelas vertentes

cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global.

Desta forma, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção. Normalmente, um texto é bem maior do que uma frase, no entanto, algumas vezes ele pode coincidir com o tamanho de uma frase (como é o caso de “Essa menina é um anjo”) e, dependendo das condições, até de uma palavra (KOCH, 2001, p. 09).

A partir da citação da autora, surgem alguns questionamentos dentre os quais poderia-se perguntar: “Como identificar um texto numa frase ou até mesmo numa simples palavra?”

Ainda de acordo com (Koch, 1989, p. 11) “um texto não é simplesmente uma sequência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas”.

Segundo o autor, há uma diferença básica. Uma frase ou uma palavra solta, jogada ao léu, não é um texto, mas frases e palavras, ditas (ou escritas) por alguém e dirigidas a uma outra pessoa (e até quando alguém se dirige a si mesmo, como nos “exames de consciência”), são textos.

Dessa maneira, a porta está aberta ou fogo são apenas frases, e palavra quando não as reconhecemos em uma situação comunicativa “verdadeira”. No entanto, caso “a porta está aberta” ou “fogo” sejam identificadas como emissões de uma certa pessoa, em uma certa situação comunicativa, então teremos texto.

Se estiver frio e alguém, dentro de uma sala, diz a outra pessoa “A porta está aberta”, está comunicando o fato ou pedindo, indiretamente, para que a porta seja fechada. Aí temos um texto. Se as pessoas estão assistindo a um filme e alguém, dentro do cinema, grita “Fogo!”, para avisar que todos correm perigo, teremos também um texto.

O texto é, portanto, uma unidade de sentido em uma situação de interação, quando falamos ou escrevemos, sempre estabelecemos contato com outra pessoa, inclusive com nós mesmos.

Poderíamos dizer que o texto bem sucedido é um texto consistente e eficaz. E a consistência e a eficácia do texto são garantidas pela coerência, que é o elemento o qual confere a um texto unidade e clareza, qualidades necessárias para a comunicação (KOCH,1989, p. 19).

Segundo (Koch, & Travaglia,1989,p13) a “coerência é uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional”. Para um texto ser coerente é necessária a utilização adequada da gramática de uma língua, de acordo com as situações em que o texto ocorre, ou seja, a língua escrita exige cuidados especiais tais como: o conhecimento de mundo compartilhado por emissor e receptor, o tipo (ou gênero) de texto, a argumentação, escolha lexical, variante linguística, intertextualidade.

A coerência tem a ver com o “todo” que o texto é, principalmente se levarmos em conta que um texto é o produto final da interação de interlocutores (quem diz ou quem escreve e quem ouve ou lê). Isso significa que não há autores ou leitores coerentes em si mesmos, isto é, a coerência depende dos interlocutores e do que é comunicado.

É a coerência que faz com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um texto, juntamente com outros fatores, permite estabelecer relações (sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas) entre os elementos da sequência (morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos, etc), permitindo construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. Portanto é a coerência que dá textura e textualidade à sequência linguística, entendendo-se por textura ou textualidade aquilo que converte uma sequência linguística em texto. Assim sendo, podemos dizer que a coerência dá início à textualidade. (Koch & Travaglia, 1989.p.45).

Ao lado da coerência, a coesão corresponde ao emprego de determinados elementos da língua que garantem a textualidade, ou seja, é responsável pela boa

formação de um texto, tornando-o compreensível. Se pensarmos na língua como um todo formado de peças, a coesão será o elemento responsável pelo encaixe delas.

É bom lembrarmos que a coerência diz respeito a diversos fatores que, embora presentes em um texto, também estão fora dele, ou seja, refere-se tanto ao modo como empregamos a língua, quando falamos ou escrevemos, quanto à necessidade de considerar as pessoas a quem nos dirigimos, lembrando-nos de que precisamos adequar nossas comunicações a essas pessoas.

De um modo geral, podemos dizer que os fatores que garantem a coerência atravessam o texto, mas vêm do exterior, os cuidados que precisamos tomar para que nossos textos possam garantir eficácia e surtir efeito. Já a coesão, por sua vez, é interna ao texto e refere-se a elementos linguísticos propriamente ditos, utilizados e manifestados no texto. Há fatores de coerência que estão implícitos no texto, mas os elementos de coesão encontram-se, sempre, explicitados (ORLANDI 2006, p. 16).

Podemos dizer que a coerência é o resultado das relações estabelecidas entre o emissor, o receptor e o texto propriamente dito. A coesão por sua vez, embora também esteja ligada ao todo e às relações autor/texto/receptor, é um fenômeno localizado, explícito, com marcas linguísticas evidentes, fáceis de serem apontadas, ou seja, diz respeito à ligação das partes de um texto, às relações entre seus segmentos.

Segundo Cereja (2000, p. 22), todos os textos que produzimos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tendo ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes tipos ou gêneros textuais que podem ser identificados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo. A escolha do gênero não é completamente espontânea, pois leva em conta um conjunto de parâmetros essenciais; com e quem está falando, para quem está falando, qual é a sua finalidade e qual é o assunto do texto.

Por exemplo, ao desejarmos contar como ocorreu um conjunto de fatos, reais ou fictícios, fazemos uso de um texto narrativo; para instruímos alguém sobre como fazer um bolo, montar uma mesa, jogar certo tipo de jogo, etc, fazemos uso de um texto instrucional; para convencer alguém de nossas ideias, fazemos uso de um

textos argumentativos e assim por diante. analgesi.co.cc/html.

2.1 Interação: Texto e Leitor

A aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura. A maior, e mais significativa consequência do processo de escolarização, especificamente, da aquisição da escrita é o processo de descontextualização de linguagem, que permite, entre outros afazeres, a interação à distância, com um interlocutor não imediatamente acessível, e que já construiu seu texto sem a intervenção imediata, direta do leitor. Esse tipo de interação é essencial para a aprendizagem ou esta estaria limitada àquilo que é imediatamente sensível aos nossos sentidos. (Kleiman, 2002. p.7).

A leitura não se constitui em ato solitário, o indivíduo ao ler um texto, um livro, interage não com o texto, com o livro, mas com os leitores virtuais criados pelo autor e também com esse próprio autor, o texto passa a exercer uma mediação entre sujeitos.

De acordo com (Kleiman, 2002, p.13), “a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio, ou seja, o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da vida”. É pelo fato de o leitor utilizar justamente diversos níveis de conhecimentos que interagem entre si, por isto, é que a leitura é considerada um processo interativo, isto e, são vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura.

O conhecimento linguístico desempenha um papel central no processamento do texto, é um componente de conhecimento prévio sem o qual a compreensão não é possível. Para que haja compreensão durante a leitura, aquela parte do nosso conhecimento de mundo que é relevante para a leitura do texto, deve estar ativada, isto é, deve estar num nível ciente e não perdida no fundo de nossa memória.

Outro tipo de conhecimento é o estruturado, isto é, inclui apenas o que é possível das situações, sobre um assunto, evento ou situação típicos. Esse

conhecimento permite uma grande economia e seletividade, pois ao falar e ao escrever, podemos deixar implícito aquilo que é típico da situação, e focalizar apenas o diferente, o inesperado.

Esse conhecimento parcial, estruturado que temos na memória sobre assuntos, situações, eventos típicos de nossa cultura é chamado de esquema.

É fundamental aponta (Kleiman, 2002, p. 30 e 31) “o estabelecimento de objetivos e propósitos claros para a leitura, pois lembramos melhores detalhes de um texto que têm a ver com um objetivo, ou seja, aquela informação que é importante para nós”.

É importante perceber que a leitura que surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa manda ler, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e leitura (KLEIMAN, 2002, p. 22).

O leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto, ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, ou seja, leitor e leitura se constituem, pois como elementos vitais desse jogo de interlocução contínua, a alargar indefinidamente as possibilidades de atribuição de sentidos.

Ainda de acordo com (Kleiman, 2002,p. 27) “leitura implica uma atividade de procurar por parte do leitor no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos”.

2.2 Resgatando o prazer de ler

Segundo Lispector (2002, p. 54), o prazer de ler deve ser o prazer da descoberta de novos horizontes, de outras realidades, de um novo mundo e, é lógico, de si mesmo. Porque ao ler, o sujeito toma consciência da história, sua e do mundo, o que lhe permite situar-se no tempo e na sociedade, questionar seus valores e suas posturas e, assim, construir uma identidade (nosso aluno ao dizer "*estou procurando um lugar ao sol!*", diz estar procurando essa identidade na liberdade de reconstruir os pequenos saberes acadêmicos na prática do trabalho). Para isso, o leitor precisa descobrir o prazer de ler como fonte de descobrimentos e saber que isso nunca terminará, saber que, quanto mais lê, mais descobre, e mais precisa descobrir.

Também precisa saber que a outra face do ato de ler é não poder enxergar "a realidade" e sim "uma realidade", que é aquela construída pelo outro por meio de outras ideias e experiências. Assim, ao ler, o leitor não descobrirá o mundo, mais um mundo; em que ele poderá, com a leitura, recriar infinitas vezes.

O livro tem seu início no vazio, no nada, assim como a escolha de ler ou não, revelando a necessidade do autor de originar o seu texto, sua fala, na própria ausência que, psicanaliticamente, podemos chamar de marca originária de todo indivíduo, o significante mestre como discurso do mesmo, ou seja, a narrativa será feita por um sujeito barrado que tenta revelar sua experiência de vida anterior, a partir de um fato.

Não estamos dizendo que as subjetividades (os sujeitos) são tábula rasa ou um papel em branco, estamos dizendo que ler é um processo de aguçamento da memória cognitiva construída nas relações pessoais e sociais; estamos dizendo que a escolha de ler é um processo de busca daquilo que já deu certo prazer e que desejamos aprofundar no momento da curiosidade; estamos dizendo que escolher é querer o gozo do prazer (LISPECTOR 2002).

Por fim, conclui-se que, o leitor deverá estar sempre atento a tudo que se lê,

aumentando assim sua capacidade de compreensão, e, com isto tornando-se cada vez mais crítico.

A partir daí, a leitura se tornará prazerosa trazendo gratificações, conhecimentos diversos, visão de mundo, e, conseqüentemente maior facilidade para se comunicar de forma adequada, orientando-se através da norma culta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um espaço de formação que deve começar desde cedo estendendo-se por toda a vida, devendo ser conquistado e desenvolvido, com maior responsabilidade, por pais e professores.

Entende-se que, no processo de sentir gosto pela leitura, muita coisa tem que ser mudada, desde os procedimentos da família, do aluno, do professor e da escola devendo o aluno despertar os sentimentos de interesse, alegria, curiosidade, mistérios e aventuras. A falta de conscientização do hábito da leitura faz com que cada vez mais adultos tenham sérios problemas na organização do pensamento e na escrita.

Quando escrevemos realizamos de algum modo um processo de interação social. Devemos, então, nos lembrar sempre de que o conhecimento pede diálogo, debate, criação. Um indivíduo para se comunicar razoavelmente bem, precisa ter conhecimento da norma culta de sua língua, ou seja, aquela estabelecida através de padrões ditados por regras gramaticais e por um universo vocabular razoável.

Segundo estudiosos, na hora de iniciar uma produção escrita, todo o leitor precisa saber o quê (qual gênero), para quê (com que função comunicativa) e para quem vai escrever (para quais destinatários). Só então se define a forma do texto, que precisa ser entendido pelo leitor.

A leitura não é a fala escrita, mas um processo de amadurecimento de habilidades linguísticas que em parte se difere da fala, mas consideremos que a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. Às vezes, ler é um processo de descoberta, com a busca do saber científico; outras vezes requer um trabalho bastante paciente, perseverante, desafiador e minucioso.

O exercício da leitura possibilita às pessoas terem acesso a informações que empresas, instituições e etc, não têm o interesse em divulgar, por que apesar de cumprirem com suas obrigações quando acionadas, entendem que será melhor que menos pessoas estejam cientes de seus direitos e de como cobrar as devidas providências. A leitura está basicamente relacionada ao fato de possibilitar ao ser humano o seu sucesso; e a tomada de consciência da sua importância torna-a essencial à formação de cidadãos competentes, críticos e participativos na sociedade.

Conforme Paulo Freire (1997), além da leitura como informação e, conseqüentemente, como fonte de acesso ao conhecimento, o mais importante é a capacidade de aliá-la ao prazer e entretenimento, pois é de se deduzir, por essa linha de pensamento que o prazer na prática da leitura levará automaticamente o leitor ao conhecimento e uma ação crítica.

BIBLIOGRAFIAS

ALVARENGA, Ana Luiza Goulart Loder. **Da produção textual ao Estudo Gramatical** :Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre 2009.Disponível em /www.lume.ufrgs.br/ Acesso em 22/09/2010.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio, Brasília, 1997.

BRITO, Viana Eliana (org). **PCNs de língua Portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

CUNHA, D.A.C. da. **A Meta enunciação na Atividade Discursiva Falada e Escrita. Projeto** Integrado apresentado ao CNPq, 1998.São Paulo.

CEREJA, Willian. MAGALHÃES, Thereza. **Texto e Interação**. São Paulo, Atual Editora, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo. Cortez. 1997.

GERALDI, João Wanderley. **A linguagem nos processos sociais de constituição da subjetividade. Questões para pensar a cidadania**: a língua e o imaginário 1999.

INFANTE, Ulisses. **Texto ao texto: curso prático de leitura e redação**. São Paulo,

Scipione,1991.

LIDPECTOR, Lispector Clarice. **A Paixão**. São Paulo: Editora Atica, 2002.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

NASPOLINE, Ana. **Aprender a ler e a Escrever uma Proposta Construtivista**. Porto Alegre. Artmed. 2003.

Maciel, C Gisele Pereira; ara Gislene de Barros Quissi.**Critérios Metodológicos para uma aula de leitura Disponível em www.unasp-ec.edu.br/biblioteca/tcc. Acesso 23/09/2010.**

PEREIRA, Leda Tessari Castello. **Leitura de Estudo: ler para aprender a estudar e estudar para aprender a ler**, Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

SILVA, Antônio de Siqueira e Bertolin, Tânia Amaral Oliveira. **Linguagem e vivência: língua portuguesa** / São Paulo: IBEP, 2002.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Filosofia da educação: mimesis e razão comunicativa**. : São Paulo, 2002.

As contribuições da sociolinguística na produção do texto: disponível em analgesi.co.cc/html. Acesso 23/09/2010.(autores não identificados)